

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

Auricélia Lima de Araújo
Lucivane Camelo de Oliveira
Rosana Maria de Lima Camargo

Afetividade: Os benefícios da utilização da afetividade como instrumento facilitador da aprendizagem de crianças nas séries iniciais do ensino fundamental.

Brasília, junho 2005.

Auricélia Lima de Araújo
Lucivane Camelo de Oliveira
Rosana Maria de Lima Camargo

AFETIVIDADE: Os benefícios da utilização da afetividade como instrumento facilitador da aprendizagem de crianças nas séries iniciais do ensino fundamental.

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB como parte das exigências para conclusão do Curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10. Orientador: Ademir Gaspar dos Reis

Brasília, junho de 2005.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
-----------------	----

CAPÍTULO I – REFERÊNCIAL TEÓRICO

1.1 Dimensões da afetividade	10
------------------------------------	----

CAPÍTULO II- AFETIVIDADE EM ÂMBITO ESCOLAR

2.1 Aprendizagem e emoção	17
2.2 Afetividade no contexto educacional	19
2.3 Intellectualização dos sentimentos.....	22

CAPÍTULO III- AFETO, EMOÇÃO E APRENDIZAGEM

3.1 Existo e sinto, logo penso	25
3.2 A influência das emoções no processo de desenvolvimento	28
3.3 Refletindo o Crescimento da aprendizagem por meio do afeto	30

CAPÍTULO IV- ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

4.1 Orientações metodológicas	35
4.2 Cronograma.....	37

CAPÍTULO V – ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 Gráficos questionário I	38
5.2 Análise dos gráficos do questionário I	41
5.3 Gráficos questionário II	42
5.4 Análise dos gráficos do questionário II	46
Considerações finais.....	48

Referências Bibliográficas	51
Apêndices	53
Questionário I	54
Questionário II.....	55

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho à Deus em primeiro lugar, aos nossos familiares que muito nos ajudaram na conclusão e realização deste. Em especial para nossos alunos que durante esses anos foram nosso maior foco.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Deus por nos proporcionar muitos momentos de crescimento para a realização deste trabalho e ao professor Ademir Gaspar dos Reis, que sempre durante essa orientação fez o possível para nos orientar naquilo que precisávamos para concluirmos este curso.

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo pesquisar os aspectos positivos da afetividade na aprendizagem. Este assunto surgiu das reflexões feitas durante este curso. O intuito é amenizar os problemas de aprendizagem existentes entre os alunos das séries iniciais do ensino fundamental da rede pública do Distrito Federal. Os objetivos a serem alcançados, tendo em vista a realidade da pesquisa bibliográfica, são: analisar se a afetividade é um princípio norteador da ação do docente no processo de aprendizagem de crianças das séries iniciais do ensino fundamental; identificar como se dá a relação professor/aluno em turmas das séries iniciais; comparar a relação professor/aluno estabelecida entre essas turmas; analisar o resultado dessa relação na aprendizagem das crianças; identificar os mecanismos que os docentes das séries iniciais utilizam para desenvolver a relação afetiva em sala de aula; analisar os pontos positivos que existem na utilização da afetividade como instrumento de intervenção pedagógica para a aprendizagem. Levando em conta os aspectos levantados na pesquisa, foi realizado o trabalho o qual sugerimos esclarecer em uma nova perspectiva as relações professor/aluno e aluno/aluno. Como: as dimensões da afetividade, intelectualização dos sentimentos, afeto e aprendizagem, influência das emoções na área educativa, as orientações metodológicas para realização dos questionários na Escola Classe 15 de Ceilândia para professores e alunos. Análises, estudos, considerações pessoais e bibliográficas sobre o tema. Assim está estruturada essa pesquisa para dar contribuição e fornecer meios para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno e subsidiar o trabalho pedagógico do professor. A educação da emoção deve ser incluída entre os propósitos das ações de ensinar e aprender, o que supõe o conhecimento íntimo do modo de funcionamento da inteligência e da emoção. Piaget considera os valores como pertencentes à dimensão geral da afetividade no ser humano. Refletindo o crescimento da aprendizagem por meio do afeto Wallon afirma que a razão nasce da emoção, ou seja, a aprendizagem vem do afeto. Portanto, é impossível dissociar aprendizagem das crianças do ensino fundamental da afetividade. Conscientes de suas responsabilidades os professores têm convicção que a educação pelo afeto formará cidadãos críticos e seguros de seu papel social.

Palavras chave: afeto – aprendizagem – criança

INTRODUÇÃO

Por esperar que a afetividade que constitui o alicerce sobre o qual se constrói o conhecimento racional é que surgiu a vontade de aprofundarmos este conhecimento através de pesquisas e estudos bibliográficos sobre o tema.

Acreditamos que enquanto os educandos, que são vítimas de uma sociedade fria, convivem no lar com situações de abandono e desrespeito, torna-se ainda maior a responsabilidade da escola enquanto instrumento de transformação social, pois a criança espera e necessita de todos os pontos positivos que já ouviu falar sobre a instituição denominada de escola. Na infância as crianças vivem em constante movimento por meio de suas brincadeiras e nesse contexto de troca de relacionamentos que se desenvolvem as relações afetivas.

Observamos também que o amor à criança deve ser evidente na escola e que precisa ser dosado com firmeza de atitude para que haja equilíbrio na formação da personalidade. No momento da aprendizagem e em todos os relacionamentos dentro do âmbito escolar deve ser embasado no afeto.

Intuitivamente esperamos que este tema de profunda relevância faça que a escola deva ser um local para a felicidade e sucesso de todos os envolvidos no processo, principalmente para os educandos. O aspecto afetivo dentro da escola é de profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual e pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. A criança quando se percebe amada no âmbito escolar mais interesse despertará para participar das atividades propostas. Sendo assim, toda atividade realizada com envolvimento emocional será mais prazerosa.

Na tentativa de rever essa problemática sobre a utilização da afetividade como instrumento de intervenção surge a proposta de estudar a importância da afetividade para uma educação de qualidade, como possibilidade de estabelecer elos de relações.

Assim esta pesquisa terá como sua função estudar os conflitos afetivos e suas contribuições, que desencadeiam grandes crescimentos na área da pedagogia.

Afetividade é um fator decisivo no desenvolvimento da aprendizagem das crianças nas séries iniciais, no ambiente escolar.

Muito já se falou sobre educação. A temática é antiga e sobre ela já falaram e escreveram centenas de milhares de pessoas: teses científicas ou meras opiniões; experiências pessoais e dados coletados em pesquisa minuciosa. Entretanto, os problemas relacionados à educação atingem patamares cada vez mais complexos.

A tentativa que ora se faz não é a de apresentar uma tese revolucionária sobre o assunto. Trata-se apenas de um novo olhar para esse universo a ser descortinado. Um olhar de afeto, um olhar amoroso. Educação e afeto! A educação não pode ser vista como um depósito de informação. Há muitas formas de transmissão de conhecimento, mas o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor.

Os objetivos a serem alcançados, tendo em vista a realidade da pesquisa bibliográfica e os questionários realizados, são: analisar se a afetividade é um princípio norteador da ação do docente, no processo de aprendizagem de crianças das séries iniciais do ensino fundamental; identificar como se dá a relação professor/aluno em turmas das séries iniciais; comparar a relação professor/aluno estabelecida entre essas turmas; analisar o resultado dessa relação na aprendizagem das crianças; identificar os mecanismos que os docentes das séries iniciais utilizam para desenvolver a relação afetiva em sala de aula; analisar os pontos positivos que existem na utilização da afetividade como instrumento de intervenção pedagógica para a aprendizagem.

A princípio este deveria desencadear uma visão mais ampla das relações interpessoais. Nesse sentido, optamos em levar em conta os textos que enfatizam as questões sócio-afetivas, que procurem estabelecer uma relação de carinho e afeto levando à aprendizagem.

CAPÍTULO I

REFERÊNCIAL TEÓRICO

1.1– DIMENSÕES DA AFETIVIDADE

A relação entre mestre / discípulo da Grécia Antiga. O respeito à história de cada educando. A cumplicidade entre querer ensinar e se permitir aprender. A troca continuada de experiências, de sonhos, de ideais e, por que não dizer, de amor. O amor é capaz de quebrar paradigmas, barreiras, ranços. É o amor que nos envolve, que nos move.

Evidentemente junto com o amor vem o compromisso, o respeito, a necessidade de continuar a estudar sempre, de preparar aulas mais participativas, de repreender com pertinência, de abusar da paciência. Triste é o educador que já não acredita mais na capacidade de aprendizado, que não se debruça para examinar melhor a peculiaridade de cada aprendiz. Este não ensina nem aprende. A educação é , em todas as suas dimensões , um grande desafio.

Falar sobre educação é falar sobre a única alternativa política e social para que este país encontre a dimensão de sua grandeza e para que o povo que aqui vive encontre a dignidade.

O ser humano está sempre a buscar sua felicidade. Eis uma verdade universal. Em todos os tempos, em todas as culturas, sempre se almejou a felicidade. Alguns não conseguiram, outros confundiram a felicidade com os prazeres efêmeros e se entregaram à submissão. Ser feliz é um objetivo ao mesmo tempo simples e complexo. Simples, porque depende de mera decisão (embora decidir seja angustiante, a decisão é individual – depende do querer). É também complexo, porque o ser humano é único, é genial, é especial e aprende e ensina e evolui e cresce e é. E por causa disso tudo não se satisfaz com qualquer coisa. É mutável. É imprevisível. De qualquer forma, quando consegue canalizar seu potencial para o bem, suas obras passam a ser fantásticas.

Educação e afeto. Educação para a felicidade e para a vida – eis o objetivo desta pesquisa. Trazer discussões universais, debater valores, falar de

vida. Elencar experiências vividas em escolas e trazer à lume a discussão sobre vários tipos de educador, de pais, de aluno. Qual o papel da escola? Qual a importância do professor? A máquina substitui a pessoa? O que precisa ser ensinado e o que precisa ser aprendido? Todos aprendem de igual forma? É possível democratizar o ensino? Como trabalhar autonomia, ética, dignidade nos bancos escolares? Como selecionar conteúdos? E acima de tudo: onde entra o afeto na relação educacional?

Obviamente as respostas não são simples. Numerosas experiências foram desenvolvidas e aplicadas para que se pudesse encontrar o modelo de escola ideal, e muitas fracassaram. Talvez o foco tenha se perdido. Talvez questionamentos como os que apresentamos não tivessem sido valorizados. Como educar sem saber que tipo de aluno se pretende formar? Como educar sem saber o vôo que educando pode dar?

A tarefa de todo educador, não apenas do professor, é a formar seres humanos felizes e equilibrados.

O conteúdo vale mais do que o equilíbrio? E as questões emocionais? E a dimensão social? É preciso preparar o aluno para que ele tenha capacidade de trabalhar em grupo, como líder ou colaborador, mas em grupo. Só assim ele saberá atuar na família e na comunidade.

Eis nosso modesto intento, trazer à tona antigas questões para auxiliar o educador a exercer com mais competência e maestria sua missão.

Metodologicamente começaremos pela reflexão. Refletir um pouco sobre a humanidade: a criança, o jovem, o idoso. Depois trataremos de valores que sempre acompanharam mulheres e homens na história. E exemplos de histórias de vida.

Em um segundo momento passaremos, para a ação. Quais os tipos de professores podemos encontrar, que tipos de família interferem na escola. Por fim, abordaremos a escola e os desafios para a construção de uma nova relação educacional com base em três pilares: habilidade cognitiva, habilidade social e habilidade emocional.

Trata-se de um convite à reflexão e à ação. Um convite para viajar um pouco por esse fascinante universo de construção de seres humanos, que se dá

em muitos âmbitos. Embora a escola seja um local privilegiado, a educação se dá na vida e se dá para a vida e para a felicidade.

Sobre este campo abrangente e vasto que é a afetividade, devemos pensar a questão das emoções, entendidas como um tipo particular de manifestação afetiva, que se diferencia de outras por alguns traços. Por exemplo, o fato de as emoções virem sempre acompanhadas por alguma expressão (facial, corporal, gestual, etc); assim, o emocional pode ser visto pelo outro, através do olhar e das expressões corporais, ele é perceptível. Em geral, as manifestações afetivas são acompanhadas por alguma transformação no próprio corpo da pessoa, em seu ritmo da respiração.

As emoções também teriam uma característica que as diferenciam, que é o fato de serem estados provisórios: elas têm picos. Vamos aqui estudar com mais vigor as manifestações afetivas como a raiva, o medo, a surpresa, a alegria, a tristeza, e os desdobramentos delas, sobretudo a leitura que delas fazemos.

Uma das características das emoções, quando vividas de forma imensa, é que nelas a pessoa fica com uma percepção muito voltada para si mesma do que para fora, para o outro. Wallon tem uma abordagem bastante atual sobre o tema afetividade. Uma função social que ela tem é o estado de imperícia em que o bebê vem ao mundo: ela tem o poder de mobilizar as outras pessoas.

Desta função comunicativa resultam outras características, como o fato de o afeto ser contagioso. Um tipo de manifestação que em um meio social tende a se propagar. Ele causa impacto no outro, seja criando uma emoção, análoga ou uma complementar, que pode ser oposta.

São coisas importantes para pensarmos na prática pedagógica, sobretudo na educação de crianças, pois as mesmas se expressam fortemente pelo afeto não apenas pela fala, mas há aquelas que tomam seu corpo inteiro ou que são perceptíveis em sua expressão facial.

Em Wallon o afeto é fundamental e vai mudando de lugar. A educação tem que tematizar essa mudança, que não pode ser apenas um tema periférico. A cultura é um fator regulador importante, no sentido que cada sociedade, grupo, povo tem regras próprias de expressão e demonstração de afeto, não é algo apenas espontâneo. Quando se pensa no meio escolar, em que a cultura é determinante, há muito o se que fazer e o professor precisa ser, antes de tudo,

um agente mediador deste multi-culturalismo existente na instituição escolar, em relação ao afeto.

Acreditamos que esse tema é uma contribuição importante para a prática pedagógica. Vamos olhar a criança pela sua postura, pela qualidade de seu gesto, pelo seu ritmo. Vamos nos comunicar com ela utilizando diferentes recursos, fazendo uso da contribuição ofertada por esta monografia.

A afetividade acompanha o indivíduo desde o período da gestação. Nessa fase é papel da mãe transmitir afeto ao filho. Afetividade é: “*Qualidade ou caráter afetivo em quem a afeto , afeição, amizade, amor*” (AURÉLIO, 2001, p.20). Como o ser humano necessita da água para manter seu corpo vivo assim também a alma tem necessidade do amor, da amizade, ou seja, da afetividade como sendo a força que proporciona a vida. O processo da troca de afetos tem início na gestação, mas continua ao longo da vida, no período escolar esse elo deve ser bem estabelecido entre aluno, professores e demais segmentos da escola.

As emoções, assim como o sentimento e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações (GALVÃO, 1999, P, 61).

A pedagogia da opressão de antigamente está cedendo lugar a pedagogia da afetividade que tem como características as relações afetivas.

As crianças devem ter oportunidade de desenvolver sua afetividade. É preciso dar – lhes condições para que seu emocional floresça, se expanda, ganhe espaço. A falta de afetividade leva à rejeição aos livros, à carência de motivação para a aprendizagem, à ausência de vontade de crescer. Portanto, uma das nossas máximas é: aprender deve estar ligado ao ato afetivo, deve ser gostoso, prazeroso. (ROSSINI, 2004, P15).

O indivíduo para se constituir necessita das relações com o meio. A criança tem grande necessidade de brincar, pois, por meio da brincadeira, ela interage com o meio e assim estabelece relações afetivas.

Nos mais diversos relacionamentos dentro da sociedade o indivíduo recebe estímulos que levam a reagir de formas distintas expressando assim a essência de seus afetos. No cotidiano escolar não é diferente, a pessoa é guiada por suas emoções evidenciando as cargas negativas e positivas que já possuem

e as que estão recebendo. A desigualdade social perpassa também pelo lado afetivo. A escola deve preparar para a vida e suas dificuldades devendo assim valorizar o ser e não o ter para que não venha a formar pessoas frustradas.

Por que a afetividade?

Porque é a base da vida. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometido, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da atividade humana, independentemente de idade, sexo, cultura. (ROSSINI, 2004, p 16).

De acordo com a citação acima se o indivíduo não está com sua vida afetiva resolvida enquanto ser social também não estará bem. O afeto pode ser considerado o caminho que leva a pessoa a agir de determinada forma. A criança como o adulto deseja ser amada e aceita pelo próximo para que venha obter êxito em suas atividades. Na escola o educando irá realizar sua interação que é demonstrar seu estado emocional na esperança de ser aceito pelo outro e vice – versa, nessa troca encontrará bons e maus relacionamentos.

Segundo LIBÂNEO (1994, p.251) "*Os aspectos sócio-emocionais se referem aos vínculos afetivos entre professor e aluno, como também as normas e exigências objetivas que regem a conduta dos alunos na aula (disciplina)*". Esses vínculos não podem ser confundidos com a relação de mãe e pai no lar. As crianças e jovens são alunos e não filhos do professor.

Toda estrutura educacional está formulada de forma a fornecer meios para o desenvolvimento do indivíduo. Cada vez mais aumenta a preocupação quanto à qualidade do ensino. Fala-se muito em formação continuada do educador que realmente é muito importante, porém quase não se observa atividades para trabalhar a afetividade do mesmo. No entanto é evidente a necessidade por parte dos profissionais da área de educação ter sua vida afetiva resolvida, pois são pessoas que estão participando da formação de outros seres. Um professor com auto - estima baixo pode, até ter conhecimentos por parte da ciência, mas sem o amor tudo isso se perde.

Cada educador projeta a transmitir sua situação psíquica a seus alunos. Estes, de uma forma ou de outra, o tornam como modelo e, se o modelo é insatisfatório, as consequências podem ser – em geral são – negativas para seu crescimento e amadurecimento. Daí a necessidade de um trabalho pessoal de auto-crescimento e amadurecimento por parte do

professor, anterior à sua atuação em classe, ou uma reciclagem o quanto antes, se já estiver ensinando (VOLI, 1998, p. 63 – 64).

Embora se trate de professores eles possuem seus traumas e os projetam muitas vezes em seus alunos, portanto, é importante rever e cuidar da parte afetiva não só dos alunos mais também dos profissionais e até mesmo dos familiares que também estão junto com a escola no que tange à responsabilidade de formar novos cidadãos, sabendo que a pessoa só irá fornecer o que possui. Se a mesma não se sentir amada, não saberá como demonstrar amor. Durante o processo educacional a questão da auto-estima deve ser analisada com muita cautela, ou seja, a importância da afetividade de todos dentro do processo para o desenvolvimento pleno do educando e a satisfação pessoal de cada profissional.

Nossa vida afetiva é composta de dois afetos básicos: o amor e o ódio. Esses dois afetos estão sempre presentes em nossa vida psíquica e também estão juntos em nossas expressões, ações e pensamentos. Os afetos citados são os sentimentos que permeiam todas as investidas do ser humano. São evidentes os extremos entre o amor e o ódio que são tão distantes e ao mesmo tempo interligados.

Nos relacionamentos dentro da escola se observa que cada criança necessita se ver incluída, aceita. Quando ela vê isso ameaçado, surgem os conflitos que se não forem bem trabalhados poderá originar o sentimento de inferioridade, pois cada indivíduo procura realizar seu processo de inclusão. Alguns se tornam dependentes da busca de sua aprovação, outros mais agressivos, tentam se impor a qualquer custo. O indivíduo necessita ter sua vida afetiva resolvida para que possa estar completo.

De acordo com MORENO (1999, p.64), “Todo membro de um grupo tem necessidade de se perceber aceito e amado por seus pares. Essa necessidade reflete seu desejo de possuir um lugar permanente no grupo sem se ver ameaçado a marginalização”.

A afetividade começa com o relacionamento da mãe com seu filho ainda no ventre. O seu amor é demonstrado a cada dia. Amor não significa permissividade, mas sim limites. Na hora certa os responsáveis devem deixar bem claro que a bronca não é feita de amor e sim puro amor, portanto é necessário agir desta forma em algumas ocasiões.

É importante que fique claro para criança que, mesmo que a mãe e o pai reprovem determinadas atitudes dela, o amor que sentem por ela não está em jogo. Para que a criança se sinta amada incondicionalmente, é necessário, acima de tudo, que seja respeitada. (TIBA, 2002, p.54).

Após os elos afetivos desenvolvidos entre a criança e seus familiares ela é inserida em sua segunda instituição que é a escola. É neste âmbito, que recebe crianças amadas e rejeitadas, que continua o processo de aprendizagem. Para as crianças privilegiadas por um lar acolhedor o processo é mais simples, mas necessita ser regado para que todo o trabalho realizado no lar não venha a findar na escola.

CAPÍTULO II

AFETIVIDADE EM ÂMBITO ESCOLAR

2.1- APRENDIZAGEM E EMOÇÃO

Laços de afeto são fatores decisivos no desenvolvimento do aluno.

É possível imaginar, ainda nos dias de hoje, que não há relação entre aprendizagem e o emocional do aluno?

Muitos dos problemas enfrentados em nossas escolas, entre eles a indisciplina, provêm de várias situações sócio-afetivas não resolvidas no decorrer dos anos e da debilitação que muitas crianças passam a ter, causando, muitas vezes, conseqüências irreversíveis na escola.

Numa sala de aula, as crianças, com frequência, entram em conflito por uma série de sentimentos que vivenciam em casa, na rua ou na escola e que se refletem na aprendizagem, às vezes, positivamente e, às vezes, negativamente. Nós temos que descobrir alternativas ou encontrar a peça que falta em nossos esforços para chegarmos até elas e não transformar nosso ensino em mais uma oportunidade perdida de aprender.

Não podemos esquecer que os seres humanos são seres emotivos e trazem consigo marcas profundas desde a gestação, que são ignoradas por nós, professores, em função do conteúdo que devemos cumprir no tempo determinado.

Entendemos que, oportunizar aos alunos momentos que relatem as suas vidas, alegres ou tristes, são momentos ganhos em relação à aprendizagem.

A emoção se constitui, também, conduta com profundas raízes na vida orgânica: os componentes vegetativos dos estados emocionais são também conhecidos. Wallon nos diz: “A educação da emoção deve ser incluída entre os

propósitos da ação pedagógica, o que supõe o conhecimento íntimo do seu modo de funcionamento”.

Com a educação emocional, criamos um vínculo afetivo muito grande: é quando acontece um comprometimento mútuo entre professor e aluno, respeitando a individualidade de cada um deles enquanto pessoa.

As emoções fazem parte do cotidiano das nossas escolas. A todo instante vivenciamos uma experiência emocional que se manifesta de diversas maneiras, com suas características próprias (algumas até têm semelhanças), mas diferentes no seu conteúdo. Um exemplo é bem claro: alguns choram de dor ou tristeza, outros, de alegria.

Precisamos conviver com as emoções, aprender com elas e saber lidar com elas no nosso cotidiano, estamos aperfeiçoando o trabalho em relação ao afeto.

Percebemos que, no decorrer das aulas, os alunos sentem a necessidade de um ambiente que acolha e estimule o debate emocional, no qual possam compartilhar sinceramente suas emoções com pessoas que dividirão também as suas, com honestidade e confiança.

Conhecer as próprias emoções, tomar consciência delas em relação a si mesmo e as outras pessoas, seus *motivos*, são os primeiros passos para trabalhar a educação emocional com os alunos da escola.

Com diferentes técnicas que são desenvolvidas, os alunos passam a dar-se conta de que, por meio de pequenas situações, como, por exemplo, um diálogo, um conflito pode ser resolvido.

O professor é o mediador desse processo de aprendizagem: as relações *ensinar e aprender, aprender e ensinar* entre professor e aluno acontece constantemente. O professor não precisa exercer uma autoridade explícita. Sua autoridade docente é conquistada pela sua cidadania, sua liderança e sensibilidade.

Necessitamos de profissionais da educação que possam e saibam atuar com competência em sua atividade (Q.I – quociente de inteligência) e que também sejam apaixonados pelo que fazem e verdadeiros no cumprimento de suas missões (Q.E – quociente emocional), para tornar possível a construção de um mundo melhor.

A pouca atenção dada às aptidões do coração vem sendo apontada como uma das principais causas das relações frustradas e do descontentamento pessoal que atormentam o ser humano – ser social que necessita de afeto, carinho e compreensão.

Oportunizar o desenvolvimento da auto-estima, do auto conhecimento , da auto motivação e do controle emocional.

2.2- AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Pensar e sentir são ações indissociáveis. Esta é a idéia que tentaremos imprimir e defender ao longo do texto, tendo como preocupação central transpô-la para o campo educacional. E o faremos expondo algumas reflexões acerca do papel da afetividade no funcionamento psicológico e na construção de conhecimentos cognitivo-afetivos.

O leitor ou leitora pode estar se perguntando: porque conhecimentos cognitivo-afetivos? Haveria conhecimentos exclusivamente cognitivos ou exclusivamente afetivos? A essa segunda pergunta poder-se-ia responder *sim* ou *não*. Se a resposta for *sim*, tratar-se-á de uma concepção centrada na justaposição dicotômica entre cognição e afetividade, embasada no princípio de que a razão e as emoções constituem dois aspectos diferenciados no raciocínio, humano. Ao contrario disso, se a resposta for *não*, conceber-se-á a intrínseca relação entre os processos cognitivos e afetivos no funcionamento psíquico humano. Assumimos a segunda perspectiva, daí o emprego da expressão conhecimentos cognitivo-afetivos, e duas razões nos levam a tal posição.

A primeira é de cunho psicológico: não corremos o risco de sermos interpretados a partir de crenças arraigadas em nossa cultura, que consideram a inteligência e a afetividade dicotômicas e/ou separados, no processo de construção do conhecimento. Ao contrário, acreditamos que o conhecimento dos sentimentos e das emoções requer ações cognitivas, da mesma forma que tais ações cognitivas pressupõem a presença de aspectos afetivos. Talvez nos falem em nossas linguagens cotidiana e acadêmicas expressões como “conhecimento sentido” ou – porque não? – “sentimento conhecido”.

Em decorrência desse primeiro aspecto, no campo educacional aparece uma segunda razão que nos leva a rechaçar a divisão histórica e culturalmente estabelecida entre os “saberes racionais” e os “saberes emocionais”. Se os aspectos afetivos e cognitivos da personalidade não constituem universos opostos, não há nada que justifique prosseguirmos com a idéia de que existem saberes sensibilidade. Posto dessa maneira, a dissociação entre pensar e sentir nos obriga a integrar nas explicações sobre o raciocínio humano as vertentes racional e emotiva dos conceitos e fatos construídos. Partimos da premissa de que no trabalho educativo cotidiano não existe uma aprendizagem meramente cognitiva ou racional, pois os alunos e as alunas não deixam os aspectos afetivos que compõem sua personalidade do lado de fora da sala de aula, quando estão interagindo com os objetos de conhecimento, ou não deixam “latentes” seus sentimentos, afetos e relações interpessoais enquanto pensam.

Apresentadas tais razões, já adentramos no objeto do presente texto: refletir sobre o tema da afetividade no contexto psicológico educacional.

Vários foram os pensadores e filósofos que, desde a Grécia Antiga, postularam uma suposta dicotomia entre razão e emoção. Quando Platão definiu como virtude a liberação e troca de todas as paixões, prazeres e valores individuais pelo pensamento, considerado, por ele, um valor universal e ligado à imutabilidade das formas eternas (Voli, 1998) e quando Descartes criou a tão conhecida afirmação na história da filosofia — “Penso, logo existo” — sugeriam a possibilidade de separação entre razão e emoção, ou, o que seria mais adequado, assumiram implicitamente uma hierarquia entre tais instâncias do raciocínio humano, em que o pensamento tem valor de excelência.

Nessa mesma direção, Immanuel Kant, na obra *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (1786), nos advertiu sobre a impossibilidade do encontro entre razão e felicidade, quando afirmou que “quanto mais uma razão cultivada se consagra ao gozo da vida e da felicidade, tanto mais o homem se afasta do verdadeiro contentamento”. Afirmou também que se Deus tivesse feito o homem para ser feliz não o teria dotado de razão. Esse filósofo considerava, ainda, as paixões como “enfermidades da alma”. Tais reflexões denotam, também, como Kant estabelecia uma hierarquia entre a razão e as emoções.

Longe de terem sido esquecidas, essas premissas da filosofia permanecem vivas até os dias atuais, muitas vezes traduzidas sob metáforas que ouvimos freqüentemente na vida cotidiana: “não aja com o coração”, “coloque a cabeça para funcionar”, “seja mais racional”. Nessa perspectiva, parece-nos que para uma pessoa tomar decisões corretas é necessário que ele se livre ou se desvincule dos próprios sentimentos e emoções. Fica a impressão de que, em nome de uma resolução “sensata”, deve-se desprezar, controlar ou anular a dimensão afetiva.

Na história da psicologia, o cenário parece não ser muito diferente. Por influência evidente da filosofia, que origina, durante muitas décadas, as teorias psicológicas, estudaram separadamente os processos cognitivos e afetivos, seja por dificuldade em estudá-los de forma integrada, seja por crença dos psicólogos e cientistas que se debruçaram sobre a temática, tal separação parece ter nos conduzido a uma visão parcial e distorcida da realidade, com reflexos nas investigações científicas e no modelo educacional ainda vigente. Os cientistas comportamentais, por um lado, ao centrarem seus estudos apenas nos comportamentos externos dos sujeitos — e, portanto, relegando a um segundo plano de experiências mais subjetivas, como a das emoções —, e algumas concepções cognitivistas que buscam compreender o raciocínio humano apenas em sua dimensão semântica ou por meio de formalizações puramente lógicas, são exemplos desse modelo. Por outro lado, e de forma também distorcida, podemos entender algumas teorias que privilegiam os aspectos afetivos e/ou inconscientes nas explicações dos pensamentos humanos, dedicando um papel secundário aos aspectos cognitivos.

Tanto no campo da psicologia, quanto no campo da neurologia, algumas perspectivas teóricas e científicas questionam os tradicionais dualismos do pensamento ocidental, apontando caminhos e hipóteses que prometem inovar as teorias sobre o funcionamento psíquico humano, na direção de integrar dialeticamente cognição e afetividade, razão e emoções.

De acordo com Piaget, não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Quando discute os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, afirma que esses processos da adaptação também possuem um lado afetivo: na assimilação,

o aspecto afetivo é o interesse em assimilar o objeto ao *self* (o aspecto cognitivo é a compreensão); enquanto na acomodação a afetividade está presente no interesse pelo objeto novo (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno).

Nessa perspectiva, o papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência. Ela é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento. Ele explica esse processo por meio de uma metáfora, afirmando que “a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro, mas não modifica sua estrutura”. Ou seja, existe uma relação intrínseca entre a gasolina e o motor, comparado com as estruturas mentais, não é possível sem o combustível, que é afetividade.

2.3 - INTELECTUALIZAÇÃO DOS SENTIMENTOS

Na relação do sujeito com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo, existe uma energia que direciona seu interesse para uma situação ou outra, e a essa energética corresponde uma ação cognitiva que organiza o funcionamento mental. Nessa linha de raciocínio, diz Piaget, “é o interesse e, assim, a afetividade que fazem com que uma criança decida seriar objetos e quais objetos seriar” Complementando, todos os objetos de conhecimento são simultaneamente cognitivos e afetivos, e as pessoas, ao mesmo tempo em que são objetos de conhecimento, são também de afeto.

No transcorrer de seu trabalho, Piaget incorpora um outro tema na relação entre a afetividade e a cognição, que são os valores. Ele considera os valores como pertencentes à dimensão geral da afetividade no ser humano e afirma que eles surgem a partir de uma troca afetiva que o sujeito realiza com o exterior, com objetos ou pessoas. Eles surgem da projeção dos sentimentos sobre os objetos que, posteriormente, com as trocas interpessoais e a intelectualização dos sentimentos, vão sendo cognitivamente organizados, gerando o sistema de valores de cada sujeito. Os valores se originam, assim, do sistema de regularizações energéticas que se estabelecem entre o sujeito e o mundo externo (desde o nascimento), a partir de suas relações com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo.

O psicólogo Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) também tematizou as relações entre afeto e cognição, postulando que as emoções integram-se ao funcionamento mental geral, tendo uma participação ativa em sua configuração. Reconhecendo as bases orgânicas sobre as quais as emoções humanas se desenvolvem, Vygotsky buscou no desenvolvimento da linguagem — sistema simbólico básico de todos os grupos humanos —, os elementos fundamentais para compreender as origens do psiquismo.

Produto e expressão da cultura, a linguagem configura-se na teoria de Vygotsky como um lugar de constituição e expressão dos modos de vida culturalmente elaborados. A linguagem forneceria, pois, os conceitos e as formas de organização do real. Em suma, "um modo de compreender o mundo, se compreender diante e a partir dele e de se relacionar com ele". (*in*: Oliveira, Marta, 2000). Vygotsky explicita claramente sua abordagem unificadora entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico. Afirma ela que (1996):

"A forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Diz-se que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos". (OLIVEIRA, 1992)

Marta Kohl de Oliveira (1992), numa explanação acerca da afetividade na teoria de Vygotsky, salienta que o autor soviético distinguia, no significado da palavra, dois componentes: o "significado" propriamente dito (referente ao sistema de relações objetivas que se forma no processo de desenvolvimento da palavra) e o "sentido" (referente ao significado da palavra para cada pessoa). Neste último, relacionado às experiências individuais, é que residem as vivências afetivas. Em tal sentido, a autora afirma que "no próprio significado da palavra, tão central para Vygotsky, encontra-se uma concretização de sua perspectiva integradora dos aspectos cognitivos e afetivos do funcionamento psicológico humano".

Henri Wallon (1879-1962), filósofo, médico e psicólogo francês, reconhecendo na vida orgânica as raízes da emoção, nos trouxe, também, contribuições significativas acerca da temática. Interessado em compreender o psiquismo humano, Wallon se debruçou sobre a dimensão afetiva, criticando

vorazmente as teorias clássicas contrárias entre si, que concebem as emoções ou como reações incoerentes e tumultuadas, cujo efeito sobre a atividade motora e intelectual é perturbador, ou como reações positivas, cujo poder sobre as ações é ativador, energético. Criticando tais concepções, pautadas, a seu ver, numa lógica mecanicista e linear, Wallon rompe com uma visão valorativa das emoções, buscando compreendê-las a partir da apreensão de suas funções, e atribuindo-lhes um papel central na evolução da consciência de si. Em suas postulações concebe as emoções como um fenômeno psíquico e social, além de orgânico.

Piaget, Vygotsky e Wallon mostram em seus escritos compartilhar da idéia de que emoção e razão estão, intrinsecamente, conectadas.

CAPÍTULO III

AFETO, EMOÇÃO E APRENDIZAGEM

3.1 – EXISTO E SINTO, LOGO PENSO.

"A comoção do medo ou da cólera diminui quando o sujeito se esforça para definir-lhe as causas. Um sofrimento físico, que procuramos traduzir em imagens, perde algo de sua agudez orgânica. O sofrimento moral, que conseguimos relatar a nós mesmos, cessa de ser lancinante e intolerável. Fazer um poema ou um romance de sua dor era, para Goethe, um meio de furtar-se a ela " (ARANTES, 2000)

Na perspectiva genética de Henri Wallon, inteligência e afetividade estão integradas: a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende das construções afetivas. No entanto, o autor admite que, ao longo do desenvolvimento humano, existem fases em que predominam o afetivo e fases em que predominam a inteligência.

Após um período inicial em que se destacam as necessidades orgânicas da criança, Wallon identifica um outro período — aproximadamente a partir dos seis meses —, em que a sensibilidade social começa a se configurar. Esta etapa vai sendo superada à medida que os processos de diferenciação — entre si e o outro — vão se tornando cada vez mais elaborados. Assim, considera o psiquismo como uma síntese entre o orgânico e o social. Para tal, as emoções vão se subordinando cada vez mais às funções mentais. Em suma, a afetividade reflui para dar espaço à atividade cognitiva. Vale a pena recorrermos a uma afirmação de Heloisa Dantas (1990), estudiosa da obra de Wallon, que parece ilustrar a relação entre emoção e razão, posta pelo autor: "A razão nasce da emoção e vive da sua morte." Ou, como afirmou Galvão (1995): "é uma relação de filiação e, ao mesmo tempo, de oposição."

A preocupação em superar as tradicionais dicotomias entre razão e emoções e entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psíquico humano pode ser identificada também em estudos mais recentes, no campo da neurologia.

Nessa perspectiva, o neurologista Antônio R. Damásio, em sua notável obra *O erro de Descartes* (1996), requer a existência de uma forte interação entre a razão e as emoções, defendendo a idéia de que os sentimentos e as emoções são uma percepção direta de nossos estados corporais e caracterizam um elo indispensável entre o corpo e a consciência.

Damásio identificou, no acompanhamento de pacientes com lesões cerebrais — especialmente pré-frontais — características comuns. Dentre elas, uma significativa redução das atividades emocionais. Isso o levou a estabelecer relações entre áreas cerebrais, raciocínio e tomada de decisões e emoções. Afirmou: "Parece existir um conjunto de sistemas no cérebro humano consistentemente dedicados ao processo de pensamento orientado para um determinado fim, ao qual chamamos raciocínio, e à seleção de uma resposta, a que chamamos tomadas de decisão, com uma ênfase especial no domínio pessoal e social. Esse mesmo conjunto de sistemas está também envolvido nas emoções e nos sentimentos e dedica-se em parte ao processamento dos sinais do corpo . "

Para Damásio, a emoção e o sentimento assentam-se em dois processos básicos, que funcionam em paralelo: "o primeiro, a imagem de um determinado estado do corpo justaposto ao conjunto de imagens desencadeadoras e avaliativas que o causaram; e o segundo, um determinado estilo e nível de eficácia do processo cognitivo que acompanha os acontecimentos descritos no primeiro." Estabelecendo uma intrínseca relação entre os sentimentos e os modos cognitivos, postula ainda que "a essência da tristeza ou da felicidade é a percepção combinada de determinados estados corporais e de pensamentos que estejam justapostos, complementados por uma alteração no estilo e na eficiência do processo de pensamento".

Apontemos a essência do erro de Descartes, segundo Damásio:

"...a separação abissal entre o corpo e a mente, entre a substância corporal, infinitamente divisível, com volume, com dimensões e com um funcionamento mecânico, de um lado, e a substância mental, indivisível, sem volume, sem dimensões e intangível, de outro; a sugestão de que o raciocínio, o juízo moral e o sofrimento adveniente da dor física ou agitação emocional poderiam existir independentemente do corpo. Especificamente: a separação das operações mais refinadas da mente, para um lado, e da estrutura ou funcionamento do organismo biológico para o outro.uma experiência emocional. Sendo assim, o autor postula que os sentimentos e os pensamentos conscientes são parecidos e que

ambos são gerados por processos inconscientes, e que a influência das emoções sobre a razão é maior do que a da razão sobre as emoções. Para ele, ambas as memórias "se unem em nossa experiência consciente de um modo tão imediato e rigoroso que não podemos analisá-la minuciosamente mediante a introspecção". (DAMÁSIO, 1996)

Mas voltemos, então, para o campo da psicologia.

O psicólogo e terapeuta americano Greenberg (1993;1996) também nos adverte sobre a intrínseca relação entre cognição e emoção quando se refere aos chamados *esquemas emocionais*: "...não se baseiam unicamente na emoção, implicam uma síntese complexa de afeto, cognição, motivação e ação, que proporciona a cada pessoa um sentido integrado dele ou dela mesma e do mundo, assim como também um significado subjetivamente sentido". Para Greenberg, enquanto a emoção nos sinaliza a respeito do que está nos afetando e estabelece a meta para que possamos alcançá-la, a cognição nos ajuda a dar sentido à nossa experiência, assim como a razão nos ajuda a imaginar o melhor modo de alcançarmos a meta. Como Damásio e LeDoux, Greenberg parece compartilhar da tese de que o afetivo estabelece os problemas para que o cognitivo os resolva.

É impossível não fazermos referência, ainda, à perspectiva de Howard Gardner e de sua equipe da Universidade de Harvard, muito em voga nos dias atuais, que, partindo do pressuposto de que o ser humano desenvolve diferentes funções intelectuais, apregoa a idéia das "inteligências múltiplas", contrapondo-a à da inteligência como uma função única. Sem entrarmos no mérito da quantificação da inteligência posta por tal enfoque, parece-nos relevante o paradigma colocado por estes estudiosos que pressupõe a substituição da percepção simplista do ser humano, por uma visão de que as pessoas são dotadas de ampla diversidade de competências e linguagens. Gardner postula que a inteligência é uma atitude que se expressa por meio de sistemas simbólicos diferentes, e isso supõe uma clara ruptura com a idéia de inteligência como entidade única e abstrata. Dentro dessa linha, salientamos, especialmente, o grande impacto e sucesso obtido pelo trabalho de Daniel Goleman, intitulado *Inteligência Emocional*. Embora não estejamos de acordo com os pressupostos teóricos e epistemológicos desses autores, reconhecemos a importância que seus

estudos vêm tendo na mudança dos paradigmas científicos que procuram significar novamente , o papel das emoções no raciocínio humano.

3.2- A INFLUÊNCIA DAS EMOÇÕES NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

Quando se fala em inteligência emocional, temos que ter em mente três emoções positivas: alegria, prazer e amor. Essas três emoções é que permitem ao indivíduo relacionar-se bem consigo mesmo e com o outro, e saber lidar com esses sentimentos contribuem para a formação do indivíduo ativo (guiado por seus valores selecionados e interiorizados).

Na área educativa, assim como nas demais, torna-se, portanto, fundamentalmente aprender a "ler" as emoções das pessoas que estão inseridas em nosso meio, e para isso nada melhor do que nos colocarmos no lugar do outro, tentando entender o que a outra pessoa está sentindo, e assim, podermos compreender melhor suas atitudes.

A partir dessa compreensão é que o professor está apto a auxiliar o seu aluno a tomar consciência de suas emoções. Só com a tomada de consciência é que se pode unir razão e emoção.

Por outro lado, existem as emoções negativas, que são basicamente três: raiva, medo e tristeza. Dentro de uma sala de aula, não é difícil encontrar esses sentimentos nos alunos, assim como em um grupo de professores não é difícil perceber tais emoções. Goleman, reportando Aristóteles diz: "Qualquer um pode zangar-se. Isso é fácil. Mas zangar-se com a pessoa certa, na medida certa, na hora certa, pelo motivo certo e da maneira certa não é fácil". (apud Bomtempo, 1997,p.9)

Essa reflexão demonstra que os maiores problemas no relacionamento humano são causados pela falta de controle emocional. Quando o professor não sabe lidar com seus próprios sentimentos, dificilmente conseguirá lidar com os sentimentos de seus alunos, principalmente diante de tantas atitudes que os aborrecem devido a um comportamento indesejado no momento da aula, como a indisciplina, o deboche, as conversas paralelas, o desinteresse pelo conteúdo que está sendo trabalhado.

Sem perder o entendimento de que o professor é um ser dotado de sentimentos e que o profissionalismo não o torna uma máquina insensível (pelo contrário, no desempenho de suas funções, ele fica com a sensibilidade mais apurada), outros funcionários da escola, pertencentes ao corpo técnico e administrativo, precisam se preocupar também com o seu bem estar, não pensando somente no aluno. Trabalhar com o professor as suas emoções, oferecendo a ele os mesmos cuidados que ele terá com os alunos. Que será basicamente:

Trabalhar no sentido de criar um ambiente agradável e livre de tensões na sala de aula. O aluno precisa aprender a ser feliz na escola, descobrir o prazer de aprender, e de fazer as suas atividades bem-feitas, aprender que é permitido errar é que o erro nos faz crescer. Não ter medo de descobrir, assumir e desenvolver a própria potencialidade.(BOMTEMPO, 1997, p. 9).

Nesse sentido devemos pensar também em propiciar ao professor um ambiente agradável e livre de tensões. Criar espaços para a descontração, para a discussão, para que ele possa extravasar seus sentimentos, falar de seus medos, de suas incertezas.

Esse espaço só é possível de acontecer numa escola que inclua em seu calendário brechas para encontros, para "capacitação" ou qualquer outro termo que se queira usar.

Temos a consciência das dificuldades existentes em relação a esses espaços, uma vez que a contagem de horas-aula e do mínimo de dias letivos, da forma como é procedida, não favorece atividades extra-classe , devido à obrigatoriedade da reposição da carga-horária do aluno, o que é um direito que não lhe pode ser negado.

Entretanto, no contexto atual, vimos se processarem mudanças significativas em todos os campos sociais. Mudanças essas advindas de fatores diversos, como a globalização, que coloca todos os setores em busca de maior escolarização e o mesmo ocorre com os profissionais da educação. Nos últimos anos as novas exigências do mercado de trabalho colocam os profissionais já acomodados em sua situação funcional a buscar novamente os bancos escolares.

Esse fato significa um ganho maior do que o explícito na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 9394/96, na qual são estabelecidos prazos para que os profissionais da educação que ainda não têm o

curso superior possam concluí-lo. Observando mais atentamente o que essa exigência legal está ocasionando, percebemos que hoje nas escolas estão presentes pessoas de diferentes faixas etárias e níveis diversos de bagagem teórica e prática.

Tudo isso contribui para que a escola seja um espaço ainda mais rico, pois estão interagindo professores recém-formados com outros que já possuem grande experiência da prática educativa. Essa troca é favorável tanto para um grupo quanto para o outro.

Entendemos que todo o esforço dispensado ao aluno no sentido de trabalhar as suas emoções deve ser estendido ao professor.

Devemos partir do princípio de que em educação, como em qualquer outro setor profissional, a valorização do ser deve vir antes de qualquer coisa, pois antes de ser aluno, professor, servente, vigilante, etc; o indivíduo é uma pessoa, dotada de raciocínio, de sentimentos, de desejos e expectativas de ver no outro a confirmação do bem e do carinho natural que deve existir entre os seres. (BOCK,1997)

3.3- REFLETINDO O CRESCIMENTO DA APRENDIZAGEM POR MEIO DO AFETO

É certo que assim como o aluno precisa aprender a ser feliz e descobrir o prazer de aprender, o professor tem as mesmas necessidades, precisa ser feliz para contagiar seus alunos com sua felicidade. Precisa encontrar prazer também em aprender. Afinal, o educador é um eterno aprendiz. E encontrando prazer em compartilhar seus conhecimentos, reconhecerá seu erro e o erro de seu aluno como parte do processo ensino-aprendizagem.

Terá ainda esse educador a coragem de abrir-se aos desafios de uma educação oposta à tradicional, acolhendo com otimismo projetos inovadores e até inovando a sua prática pedagógica, a partir do momento que encarar o medo não como obstáculo, mas como regulador de suas ações, reconhecendo de forma consciente a sua limitação sem que, com isso tenha que paralisar-se frente às iniciativas.

Só podemos compartilhar com alguém aquilo que possuímos. "nada pode

pela felicidade de outrem, aquele que não sabe ser feliz ele próprio" (Snyders, 1988, p. 21). Portanto, para não se violentar nem violentar o outro, o professor necessita que as emoções positivas — alegria, prazer e amor — superem as negativas — raiva, medo e tristeza. Bomtempo (1997) diz:

A pouca atenção dispensada às aptidões do coração vem sendo apontada como uma das causas do mal-estar social, hoje caracterizado pela depressão, angústia, estresse, hipertensão e ansiedade, que atormentam o ser humano, faminto de afeto e compreensão, buscando um pouco que seja de carinho e atenção. (p. 6)

Existe hoje, graças às pesquisas científicas realizadas nas últimas décadas, a compreensão de que o emocional exerce grande influência na produção do trabalho humano e esse é o grande interesse do momento, enfocando que o ser humano tem fomes a serem satisfeitas: "alimentação, afeto, reconhecimento, estruturação do tempo, estímulo dos sentimentos, sexo, identidade, direito a respirar e segurança".

Quando ela cita essas necessidades do ser humano, obviamente não se refere a um segmento específico, mas ao sentido amplo da pessoa humana. Entendemos que essas necessidades são tanto dos alunos quanto, dos professores e demais funcionários ligados à educação, e enfim , de todos os seres humanos , independente das áreas profissionais. Puebla (1997), falando sobre a importância dos sentimentos, considera que:

(...) a grande crise que vivemos é uma grande oportunidade para reencontrar a pureza da vida com a autenticidade e a sinceridade daquelas almas que não se confundiram com o egoísmo e a competitividade de nossa época. Ela ainda diz que estas esperam o reencontro do homem com o seu Ser Interior. (p. 21)

Esse reencontro se dá no momento em que compreendemos os nossos próprios conflitos e assim o sentimento de egoísmo cede lugar à solidariedade. Puebla enaltece a sala de aula como espaço para a transmissão de valores e salienta a importância dos professores praticarem esses valores em todos os momentos. Ela interpreta a complexidade da vida na época atual, pelo comprometimento com os conhecimentos intelectuais que nos levou a explorar quilômetros de um espaço até a pouco inexplorado em detrimento da habilidade e

do espaço para explorar o próprio espaço interno. Segundo Puebla, essa exploração ficou diluída.

Vivemos um momento histórico crucial, em que ainda podemos colaborar para as criatividades a participação responsável e a cooperação na construção de uma comunidade harmoniosa, baseada em Amor, energia de crescimento e de transformação, respeito, verdade, retidão e justiça. (idem, p. 20)

Quando defendemos a necessidade de ser trabalhado com e para os professores a questão da afetividade, é por entender o quanto o ser humano precisa estar bem para poder lidar com os problemas das pessoas que fazem parte do seu ambiente. Partindo desse pressuposto, um professor emocionalmente equilibrado consegue intervir de forma adequada nas relações conflituosas de sua sala de aula, ou seja, sua participação na vida de seus alunos tenderá a basear-se no respeito e na justiça.

O ambiente influencia muito nos diversos fatores do desenvolvimento humano, e o grau de satisfação do indivíduo na escola determina também o quanto a aprendizagem será alcançada.

Um dos autores que enfoca a necessidade de proporcionar um ambiente alegre é Snyders, cujos trabalhos têm contribuído para desmistificar o ambiente escolar como local onde o riso é proibido.

O conceito de alegria desenvolvido por Snyders é a alegria de compreender, de sentir, descobrir a realidade, de poder decifrá-la e sobre ela atuar, de romper com as inseguranças e incertezas, buscar a plenitude (...) a alegria que Snyders tem em mente é a busca da originalidade, da criatividade, da auto-superação e crescimento constante das potencialidades dos indivíduos, da supressão (ou pelo menos sua diminuição) das inseguranças, do medo e incertezas. É a alegria de saber, de conhecer e poder escolher criticamente as diversas possibilidades oferecidas pela realidade. (TIBA, 2002, p.15)

É preciso mencionar que a alegria proposta por Snyders não significa abolir o aluno do enfrentamento das dificuldades e dos desafios que são necessários para o seu crescimento individual. Ele não estará isento a cumprir suas atividades e a participar do conjunto de normas da escola que freqüenta. Se assim ocorresse, não estaria a escola contribuindo com a aprendizagem necessária ao indivíduo para a convivência em sociedade.

Wallon (1992), em sua teoria da emoção, considera afetividade e inteligência fatores sincronicamente misturados, e defende que a educação da emoção deve ser incluída entre os propósitos da ação pedagógica.

Esse estudioso analisou que no início da vida, a afetividade se sobressai e que no decorrer do desenvolvimento humano a história da construção da pessoa será constituída por uma sucessão pendular de momentos predominantemente afetivos ou predominantemente cognitivos. Ele coloca grande importância na afetividade, e alerta para o fato de que para evoluir depende de conquistas realizadas no plano da inteligência e vice-versa. E reafirma sua teoria, ao dizer que:

Ela incorpora de fato as construções da inteligência, e, por conseguinte tende a se racionalizar. As formas adultas de afetividade, por esta razão, podem diferir enormemente das suas formas infantis. (apud, DANTAS, 1992, p. 90)

Como se percebe, a afetividade no início do desenvolvimento humano é pura emoção. O seu amadurecimento ocorre de acordo com os acontecimentos advindos do meio, e nisso estão envolvidas as pessoas que se tornam parceiros das experiências do indivíduo.

Dantas (1990), baseada nos estudos de Wallon, fala em três grandes momentos de organização afetiva: afetividade emocional ou tônica, afetividade simbólica e afetividade categorial. Se no início as emoções são incontidas e a nutrição afetiva depende inteiramente da presença concreta dos parceiros, assim que se constrói a função simbólica da inteligência ela se amplia pela forma cognitiva de vinculação afetiva. Essas reflexões é que conduzem o pensamento de Dantas quando diz: "Pensar nessa direção leva a admitir que o ajuste fino da demanda às competências, em educação, pode ser pensado como uma forma muito requintada de comunicação afetiva " (Idem, p. 90).

Outro autor que enfoca o sentido das emoções no contexto de vida e analisa a forma como a sociedade lida com os conceitos referentes a esta questão é MARCHAND. "Vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções em função de uma supervalorização, num desejo de dizer que nós, os humanos, nos distinguimos dos outros animais por sermos seres racionais".

Sabemos que lidar com as emoções requer aprendizagem. O ser humano vive em constante dilema, pois para conviver de forma harmônica na sociedade, não pode dar vazão a todos os seus sentimentos. Muitos estudos revelam o dualismo existente entre afetividade e razão. La Taille (1992) menciona que os dois termos são entendidos como complementares.

Ela diz que a afetividade seria a energia que move a ação. A Razão seria o que possibilitaria o sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações. Se assim interpretados deixa de existir o conflito entre as duas partes (p. 66). La Taille, baseado em Piaget, afirma que:

O sistema democrático pede a cooperação. Basta verificar quais são suas exigências: levar em conta o ponto de vista alheio, respeitá-lo, fazer acordos, negociações, contratos com o outro, admitir e respeitar as diferenças individuais, conviver com a pluralidade de opiniões, de crenças, de credos etc. Além do mais, pelas características do mundo moderno, somos cada vez mais levados a ter de encontrar e nos relacionar com pessoas de culturas diversas, de formação diversa, de religiões diversas. (idem, p. 69)

Essa autora nos remete ao pensamento de que na sala de aula, estamos trabalhando para contribuir com a formação de cidadãos democráticos. E esses cidadãos só se concretizarão nos benefícios democráticos se tiverem para pensar e para agir. Essa liberdade deve conduzir a ações conscientes.

E essa consciência não existe se as ações forem impostas. Portanto, o papel fundamental do educador seria, nesse sentido, ensinar a pensar. Ensinar o outro a aprender. E a proposta do pensamento que temos é exatamente perceber de que forma a afetividade torna o respeito mútuo, possível de ser aproveitado na aprendizagem.

CAPÍTULO IV

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

4.1- ETAPAS DE INVESTIGAÇÕES

Para lidar com a afetividade tentamos explicitar através das modalidades de pesquisas bibliográficas e questionários com professores e alunos os nossos anseios, pois as maneiras escolhidas para tornar os objetivos deste projeto mais visíveis e alcançáveis são instrumentos de validação de pesquisas acadêmicas e científicas. Lembrando sempre que a pesquisa bibliográfica é o alicerce norteador para o conhecimento do nosso objeto de estudo.

Escolhemos a escola classe 15 de Ceilândia por ser uma das unidades de ensino do Distrito Federal que faz parte do universo de uma das autoras desse projeto e por também parecer ser a escola que melhor acolheu o tema como possível conteúdo de análise e estudo pedagógico. Os números serão os seguintes: 30 alunos da segunda série turma E, professora regente Auricélia Lima de Araújo, uma das autoras desta monografia, no turno vespertino da E.C.15 e 20 professores que atuam no turno vespertino também da E.C.15, pois os mesmos além de se mostrarem interessados na pesquisa e nos seus resultados serão beneficiados com os mesmos.

Os questionários foram respondidos assim:

Os alunos responderam os questionários em sala de aula com a leitura do professor, mas sem que o mesmo interfira em suas possíveis respostas. Esta atividade serviu também como um laboratório de comprovação dos nossos estudos bibliográficos, assim nos mostrando que com a utilização do afeto os resultados esperados são mais abrangentes.

Os professores responderam os questionários em seus horários disponíveis, tendo um prazo de 2 a 3 dias para entregá-los, todos foram devolvidos e respondidos.

Os nossos maiores objetos de estudo foram as pesquisas bibliográficas, estas nos tomaram um longo tempo, foram pesquisados vários autores e uma grande demanda de livros foram lidos e analisados.

A partir deste conhecimento bibliográfico, adquirido no decorrer das pesquisas, elaboramos os questionários com o intuito de, com base nas reflexões, orientar nossas teorias e pressupostos.

Foram os resultados destes questionários tabulados e analisados para, a partir da comparação dos resultados com a pesquisa bibliográfica já feita, aprofundarmos ainda mais a mesma e chegarmos a uma conclusão da importância da afetividade na aprendizagem dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental da rede pública no DF.

4.2-CRONOGRAMA

Tempo estimado/ Etapas do TCC	Março		Abril		Maio		Junho		Julho		Agosto		Setembro	
1) Escolha e delimitação do tema	X	X												
2) Levantamento bibliográfico		X	X											
3) Coleta de dados			X	X										
4) Análise e interpretação dos dados					X									
5) Redação Provisória						X								
6) Revisão Geral						X	X	X						
7) Redação final							X	X						
8) Entrega do TCC									X					

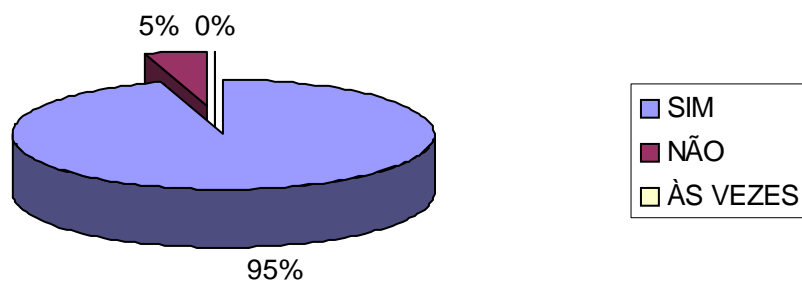
CAPÍTULO V

ANÁLISE DOS RESULTADOS

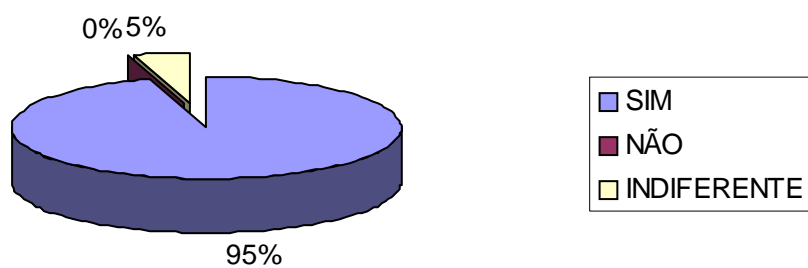
5.1 - GRÁFICOS

Questionário I

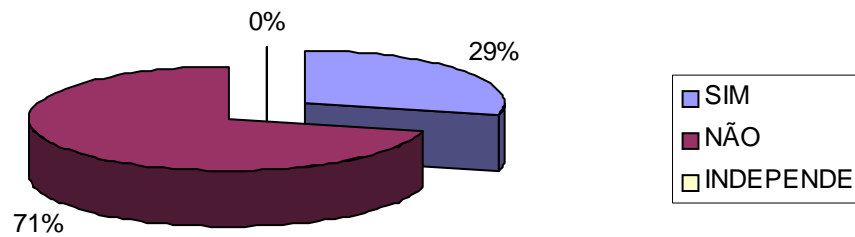
01. A afetividade deve ser trabalhada pelo professor como recurso indispensável ao desenvolvimento do aluno?



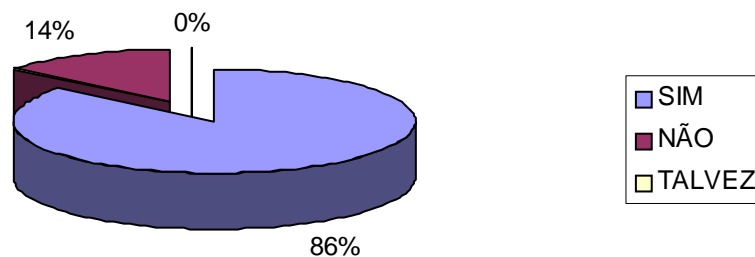
02. O professor também deve procurar meios para lidar com sua afetividade?



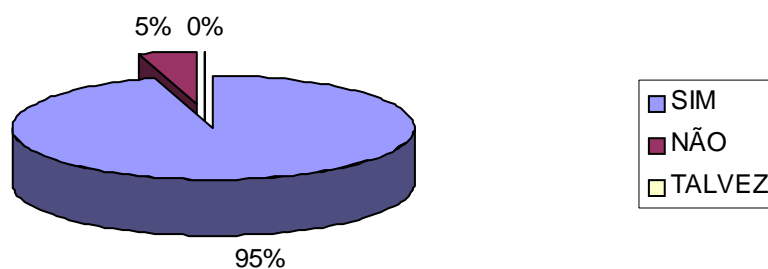
03. Você já recebeu algum curso de capacitação direcionado ao trabalho afetivo a ser desenvolvido em sala de aula?



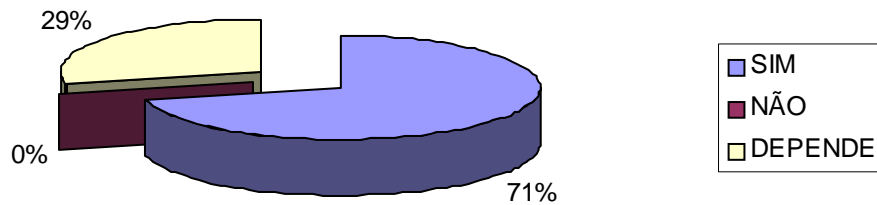
04. Você acredita que as relações afetivas com os alunos é um meio eficiente e hábil para combater a evasão escolar e a falta de aprendizagem?



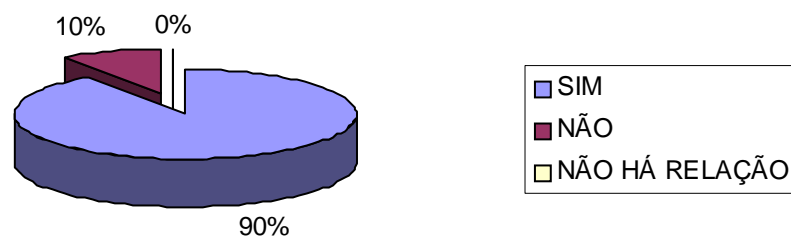
05. Você acha que o relacionamento afetivo dos familiares dos alunos , dentro de casa interfere nas ações ocorridas em sala de aula?



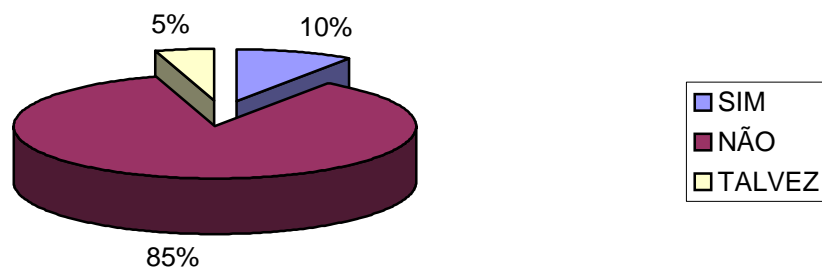
06. Confiança e disposição para superar obstáculos são conseqüências que podemos esperar de crianças que receberam um ensino direcionado para afetividade plena e positiva, tanto em casa, quanto na escola?



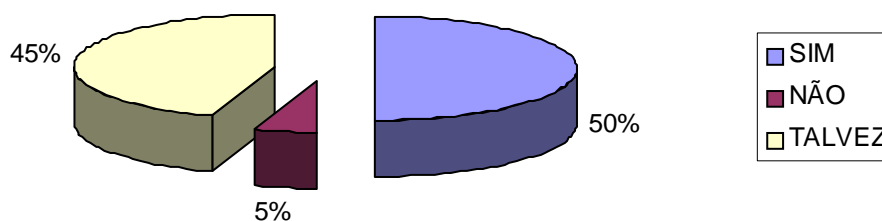
07. Você acha que trabalhar a afetividade na escola pode ajudar a criança a superar problemas emocionais advindos da total ausência desse sentimento em seu lar?



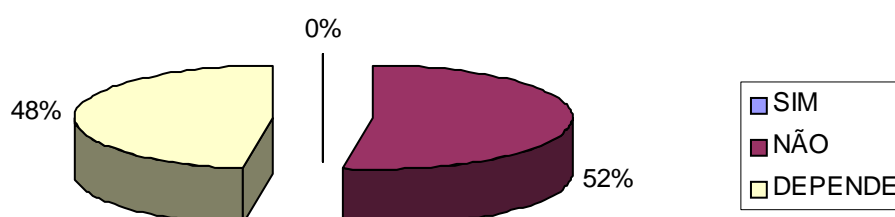
08. Você acha possível hoje dissociar afetividade da educação?



09. A criança é capaz de discernir a afetividade recebida em casa da recebida em sala de aula?



10. Você se acha capacitado para trabalhar com crianças extremamente agressivas?



5.2- ANÁLISE DOS GRÁFICOS

Questionário I

O questionário aplicado em professores do ensino fundamental indica unanimidade em considerar a afetividade como indispensável ao desenvolvimento do aluno, julgando também que o professor deve buscar meios para lidar com sua afetividade. No entanto, grande maioria dos professores nunca recebeu cursos de capacitação para desenvolvê-la.

Indagados sobre a relação afetividade, evasão escolar e falta de aprendizagem, quantidade mínima destacou não existir qualquer relação, todavia, elencaram que os relacionamentos afetivos dos familiares contribuem significativamente nas ações ocorridas em sala de aula, tanto aumentando a confiança, quanto à disposição para superar obstáculos, inclusive os emocionais oriundos da ausência de afetividade em seus lares.

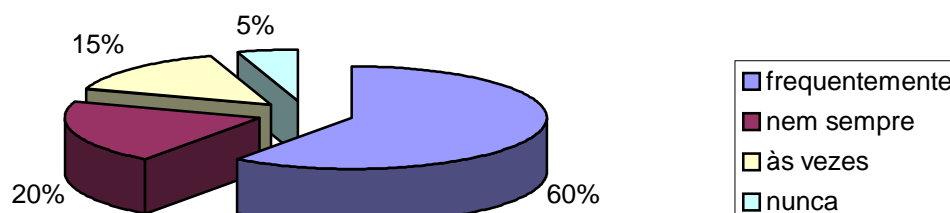
No que tange à dissociação da afetividade da educação houve relativo consenso, pois alguns professores optaram pela possibilidade da separação. Esse consenso relativo pode ser explicado pelo nono gráfico, devido à possibilidade do aluno não discernir a afetividade recebida em sala da recebida em casa.

Por fim, a análise do último gráfico indica a não capacitação dos professores para o trabalho afetivo, indica ainda que apesar de não terem recebido cursos, buscam, devido à importância para o educando, se utilizar do afeto no cotidiano escolar.

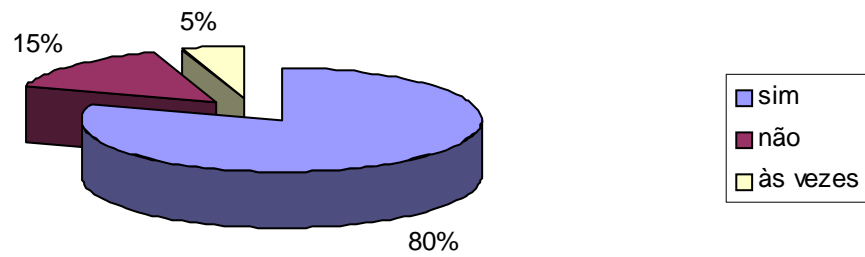
5.3 – GRÁFICOS

Questionários II

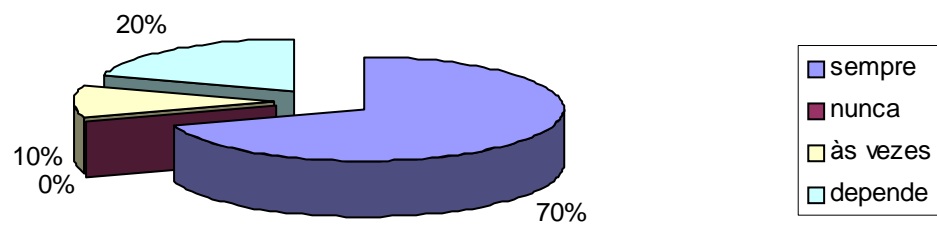
01. Estou sempre atento na sala de aula, nos jogos e brincadeiras?



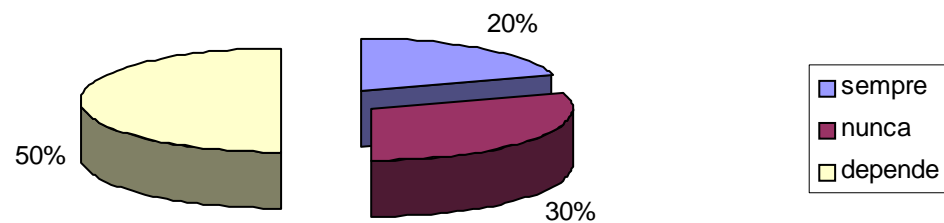
02. Meus cadernos são caprichados e procuro melhorar a letra?



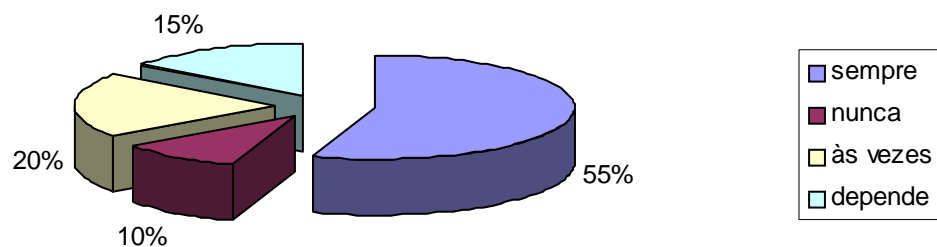
03. Procuro me dar bem com meus colegas e ser sempre cordial?



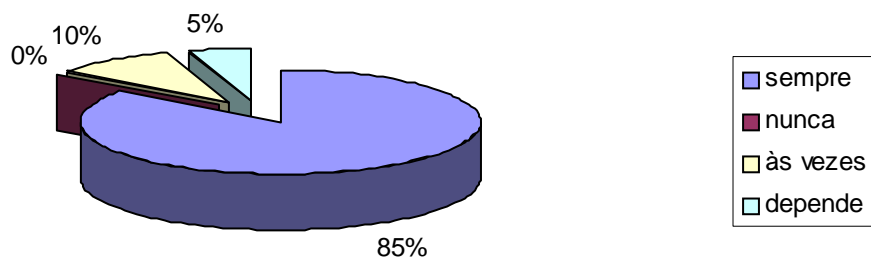
04. Converso na sala, atrapalhando a aula do professor?



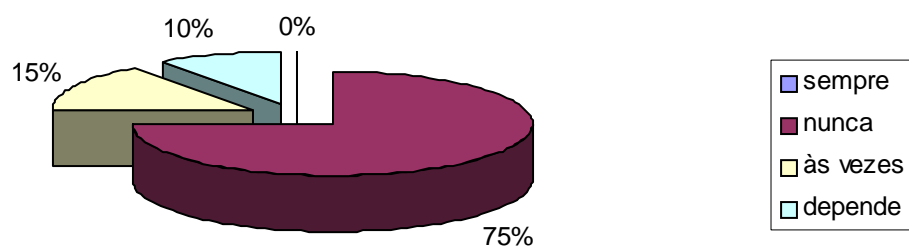
05. Chego no horário na escola e procuro ser pontual em tudo?



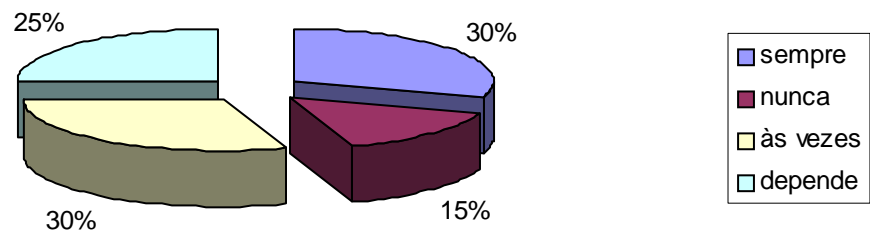
06. Cuido sempre do meu material escolar?



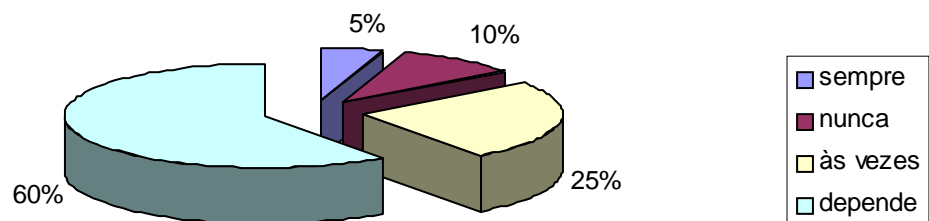
07. Deixo sempre o meu lixo debaixo da carteira. Tenho preguiça de levantar e jogar no cesto?



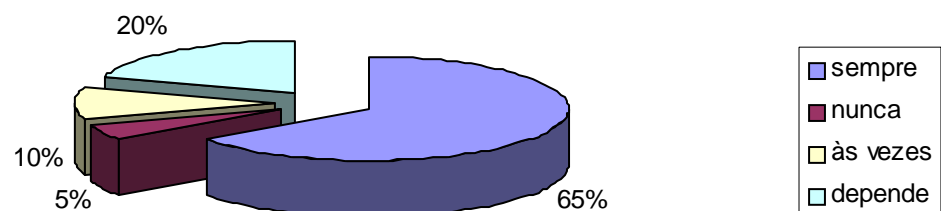
08. Quando o professor grita para chamar sua atenção, você acha correto?



09. Quando o professor precisa faltar, eu faço “bagunça” na aula do professor substituto?



10. Procuro ser educado e me comportar bem na sala de aula?



5.4 – ANÁLISE DOS GRÁFICOS

Questionário II

Este questionário foi aplicado aos alunos na faixa etária de 08 a 09 anos do ensino fundamental , com nível de 2ª série.

As questões apresentadas com o objetivo dos alunos demonstrarem seus procedimentos se auto-avaliando norteando como apresentam suas atitudes, mediante ao processo de ensino aprendizagem na relação entre professor e os alunos, revelando posturas diante do contexto escolar.

De acordo com as demonstrações dos alunos percebe-se que:

1ª- 60% dos educandos demonstram atenção e aderem a jogos e brincadeiras na sala de aula, enquanto se tem motivação para mesmo. Os 20% apresentam socialização com o lúdico demonstram certa rejeição, por timidez ou outros aspectos. E o restante demonstra pouco interesse pelas atividades.

2ª- 80% demonstram o desejo de caprichar e melhorar a letra.

Em 15% percebe-se que não demonstra interesse em melhorar a letra.

Em 5% apresenta pouco interesse em demonstrar mudança em sua letra.

3ª- 70% nota-se que a maioria dos alunos se interagem, mantendo um comportamento adequado, no ambiente escolar, sendo que 30% ainda têm dificuldades de relacionamento, pois dependem muito do momento em que estão vivenciando tanto no ambiente familiar como em sala de aula.

4ª- 50% dos alunos às vezes conversam em sala de aula atrapalhando o professor. 20% sempre tem esse comportamento e apenas 30% nunca.

5ª- A pontualidade é qualidade de 55% dos alunos , 20% apenas as vezes, 15% depende de algumas coisas e 10% disseram nunca chegar no horário.

6ª- 85% ou seja, a maioria mantém os materiais com capricho, 10% as vezes cuidam do seu material e apenas 5% não tem os cuidados adequados com seus matérias escolares.

7ª- Percebeu-se com essa questão, que a maioria não deixa o lixo debaixo da carteira e não tem preguiça de levantar para jogar o lixo no cesto, esse percentual foi de 75%, 15% às vezes tem preguiça e 10% depende.

8ª- Apresentou-se , surpreendentemente uma igualdade de percentuais, entre as respostas ; sempre e às vezes 30% , 25% depende e 15% nunca .

9ª- Observa-se que 60%, ou seja , a maioria respondeu que depende, 25% às vezes tem esse comportamento , 10% nunca fazem bagunça e 5% sempre.

10ª- 65%, que é a maioria, parece ter um bom comportamento mostrando ter mais interesse, mais participação, mantendo uma certa educação. E o restante mais ou menos 30% depende do momento em que se encontra e o restante 5% não faz questão de ser educado e ter um bom comportamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio este trabalho visa oportunizar esclarecimentos sobre a concepção da aprendizagem pelo afeto , norteados os objetivos propostos , construindo suportes para tanto através das pesquisas bibliográficas e análise dos questionários . Nesse sentido , optamos em levar em conta os textos que enfatizam as questões sócio-afetivas, que procurem estabelecer uma relação de carinho e afeto levando à aprendizagem.

Dentre os conceitos teóricos estudados nesta monografia está inserido a formação do indivíduo na tendência afetivista. Ao invés de se discutirem dilemas abstratos, como na proposta cognitivista, apreciam-se questões concretas na vida de alunos e professores; procura-se pensar sobre as reações afetivas de cada um.

A relação escola comunidade é também fonte rica de convivência com pessoas de origens variadas.

O convívio respeitoso na escola é a melhor experiência afetiva que as crianças podem viver. É preferível fazer com que elas se ajudem mutuamente a ter sucesso, chamando atenção para o que consideramos estimulante para a realização da construção de pessoas cidadãs e responsáveis pelo seu conhecimento e sentindo prazer ao descobrir que necessitam da convivência com os outros.

Educação e afeto. Depois de toda essa tentativa de refletir sobre educação, algumas questões devem ficar como conclusão.

Em primeiro lugar, o processo de aprendizagem transcende as paredes das salas de aula. A escola não é a única responsável pelo sucesso de uma criança. Segundo, a educação tem um conceito mais amplo do que os conteúdos ministrados em sala de aula e significa um processo continuado de aprendizagem emocional e cognitivo.

Acreditamos que essa pesquisa pode tomar uma dimensão objetiva para se discutir e analisar o tema afetividade como instrumento de intervenção pedagógica com maior afinco. Levando-se em conta a grande obra de Henry

Wallon e as contribuições bibliográficas dos autores que trataram da afetividade como ferramenta eficaz para seus estudos que para nós foi de grande valia.

Lembre-se quando cursava as séries iniciais, com certeza, você deve se recordar de momentos em que o professor dispensava atenção especial às dúvidas usando da sensibilidade, do carinho, incentivando a continuar insistindo e persistindo na superação das suas dificuldades. Essa atenção especial, esse carinho, uma habilidade desconsiderada como prática docente, recebe o nome de afetividade.

A afetividade deve ser enxergada e utilizada como uma ferramenta eficaz ao combate da repetência e da evasão escolar, nas séries iniciais. Por meio do afeto, o professor consegue despertar no aluno o senso crítico, ao deixar que busque seus próprios conceitos e reflexões sobre os temas propostos. Os alunos são instigados a rever velhos conceitos, a investigar e, principalmente, sentirem-se atraídos pelo encanto de aprender.

O poder da afetividade não advém do imaginário humano, mas da capacidade de refletir aspectos emocionais experimentados pelos alunos dentro de seus lares e que são necessários para dar continuidade ao trabalho realizado na escola. Não é demais salientar que os alunos carentes de afeto em seus lares são justamente os que mais possuem dificuldades de aprendizagem.

Inserido no contexto escolar, como prática docente e não apenas como um momento individualizado de carinho dedicado a um aluno encarado como preferido da professora por atender a padrões desejados, interfere positivamente nas ações ocorridas dentro de sala de aula. É necessário policiamento para não fazer da afetividade um instrumento de punição aos demais alunos que não se enquadram nos modelos esperados.

O afeto gera nas crianças elevada auto-estima, confiança e disposição para superar todos os obstáculos sem medo de ser punida ou sancionada, justamente pelo professor manter uma relação que ultrapassa os limites do autoritarismo anacrônico das relações tradicionais de ensino, consequência direta do ensino direcionado à afetividade plena e positiva. Portanto deve constituir um recurso indispensável ao professor para o desenvolvimento cognitivo do aluno.

Os profissionais em educação têm o papel de acreditar que as relações afetivas com os alunos devem ser mais um poderoso meio para combater a fraca aprendizagem dos mesmos.

Portanto, é impossível dissociar afetividade de aprendizagem com qualidade, estruturando o seu trabalho através de pesquisas bibliográficas os professores desta pesquisa esclarecem que é uma tarefa possível, entretanto não será fácil, mas os benefícios serão muitos, pois formará cidadãos críticos, seguros e conscientes de seu papel social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Celso. **Alfabetização Emocional**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 200
- AURÉLIO, Buarque de H. Ferreira. **Novo dicionário da Língua Portuguesa** ed.ver.2001
- BOCK, Ana M. Bahia. **Psicologias**. 10 ed. São Paulo: Saraiva. 1997.
- ARANTES, V. **Cognição, Afetividade e Moralidade**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.26, n.2, p.137-153, jul./dez.2000.
- BOMTEMPO, Luzia. **Escola do coração**. Um conjunto de atividades para desenvolver nos alunos a inteligência emocional. **Amae Educando**. Minas Gerais: Fundação Amae Educando, nº 268, jun., 1997.
- BUSQUETS, D. et al. **Temas Transversais em Educação: bases para uma formação integral**. São Paulo: Ática, 1998.
- CHALITA, Gabriel Benedito Issac. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.
- DAMASIO, Antonio R. **O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano**, 1996, Companhia das Letras: São Paulo, 1996.
- DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: DE LA TAILLE, **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1995.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional : a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro : Objetiva, 2001.
- IZABEL, Galvão. **Henri Wallon**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1999
- KESSELRING, Thomas. **Jean Piaget**. Petrópolis: Vozes, 1993
- LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências Pedagógicas na prática escolar**. São Paulo, Ed Vozes 11ed, 1994
- MARCHAND, Max. **A afetividade do educador**. São Paulo: summus, 1985.
- MORENO, M. et al. **Falemos de Sentimentos: a afetividade como um tema transversal na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.
- OLIVEIRA, M. K. **O problema da afetividade em Vygotsky**. In: DE LA TAILLE, **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- PUEBLA, Eugenia. **Educar com o coração**. São Paulo: Petrópolis, 1997.
- ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SYNDERS, Geoges. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

TIBA, Içami. **Quem Ama, Educa!** 95 ed. São Paulo: Gente, 2002.

VOLI, Franco. **A auto Estima do Professor**. São Paulo: Loyola, 1998.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO I

01. A afetividade deve ser trabalhada pelo professor como recurso indispensável ao desenvolvimento do aluno?

(☐) sim (☐) não (☐) às vezes

02. O professor também deve procurar meios para lidar com sua afetividade?

(☐) sim (☐) não (☐) indiferente

03. Você já recebeu algum curso de capacitação direcionado ao trabalho afetivo a ser desenvolvido em sala de aula?

(☐) sim (☐) não (☐) independe

04. Você acredita que as relações afetivas com os alunos é um meio eficiente e hábil para combater a evasão escolar e a falta de aprendizagem?

(☐) sim (☐) não (☐) talvez

05. Você acha que os relacionamentos afetivos dos familiares dos alunos, dentro de casa interfere nas ações ocorridas em sala de aula?

(☐) sim (☐) não (☐) não há relação

06. Confiança e disposição para superar obstáculos são conseqüências que podemos esperar de crianças que receberam um ensino direcionado para afetividade plena e positiva, tanto em casa, quanto na escola?

(☐) sim (☐) não (☐) depende

07. Você acha que trabalhar a afetividade na escola pode ajudar a criança a superar problemas emocionais advindos da total ausência desse sentimento em seu lar?

(☐) sim (☐) não (☐) não há relação

08. Você acha possível hoje dissociar afetividade da educação?

(☐) sim (☐) não (☐) talvez

09. A criança é capaz de discernir a afetividade recebida em casa da recebida em sala de aula?

(☐) sim (☐) não (☐) talvez

10. Você se acha capacitado para trabalhar com crianças extremamente agressivas?

(☐) sim (☐) não (☐) depende

QUESTIONÁRIO II

01. Estou sempre atento na sala de aula, nos jogos e brincadeiras?

() freqüentemente () nem sempre () às vezes () nunca

02. Meus cadernos são caprichados e procuro melhorar a letra?

() sim () não () às vezes

03. Procuro me dar bem com meus colegas e ser sempre cordial?

() sempre () nunca () às vezes () depende

04. Converso na sala, atrapalhando a aula do professor?

() sempre () nunca () às vezes () depende

05. Chego no horário na escola e procuro ser pontual em tudo?

() sempre () nunca () às vezes () depende

06. Cuido sempre do meu material escolar?

() sempre () nunca () às vezes () depende

07. Deixo sempre o meu lixo debaixo da carteira. Tenho preguiça de levantar e jogar no cesto?

() sempre () nunca () às vezes () depende

08. Quando o professor grita para chamar sua atenção, você acha correto?

() sempre () nunca () às vezes () depende

09. Quando o professor precisa faltar, eu faço “bagunça” na aula do professor substituto?

() sempre () nunca () às vezes () depende

10. Procuro ser educado e me comportar bem na sala de aula?

() sempre () nunca () às vezes () depende